

# Narrativas de Hierarquização Étnica e Racial Entre Ativistas Anti-Imigração Portugueses em Plataformas Digitais

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.196.14>

**Lucas Arantes Zanetti**

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,  
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-2019-8061>  
lucaszanetti66@gmail.com

**Denise Cogo**

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo,  
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-4544-7335>  
denise.cogo@espm.br

## Resumo

Este artigo analisa as narrativas de hierarquização étnica e racial utilizadas por ativistas anti-imigração em Portugal, na rede social X – conhecida pela ampla presença de ativistas de extrema-direita e pela maior liberdade de circulação dessas narrativas – para justificar sua oposição à presença de imigrantes. O marco teórico abrange conceitos de ativismo anti-imigração, racismo e colonialidade. A metodologia foi desenvolvida a partir de uma abordagem etnográfica que abrangeu a observação e a coleta de conteúdos nas plataformas digitais, a realização de entrevistas com ativistas anti-imigração da Juventude do Chega e a participação em evento partidário, além de pesquisa documental. Como resultado, identificamos motivações racistas como estratégias de mobilização do ativismo anti-imigração em Portugal, que, embora menos visível em comparação a outros países europeus, está em expansão e se fortalecendo na esfera pública portuguesa.

## Palavras-chave

plataformas digitais, ativismo anti-imigração, extrema-direita, racismo

## Introdução

A questão da imigração tornou-se num dos temas mais controversos e politicamente mobilizadores na Europa na última década. O crescimento da visibilidade de fluxos migratórios internacionais, especialmente após a chamada “crise migratória” de 2015, tem sido acompanhado por um aumento da centralidade do tema nos debates públicos e eleitorais. Nesse cenário, partidos de extrema-direita encontraram terreno fértil para produzir e instrumentalizar o sentimento anti-imigração, convertendo-o em ativo político e eleitoral. Para isso, em muitos casos, os imigrantes têm sido representados como ameaças à coesão nacional, à segurança e à cultura local, servindo como bodes expiatórios para problemas sociais e econômicos mais amplos (Dennison & Geddes, 2019; Halikiopoulou & Vlandas, 2020).

De acordo com Halikiopoulou e Vlandas (2020), esta instrumentalização está ancorada em dois principais tipos de motivações que estruturam o sentimento contrário à imigração: por um lado, estão as preocupações de ordem econômica, associadas à competição por empregos, à pressão sobre os serviços públicos e à percepção de sobrecarga dos sistemas de bem-estar e moradia; por outro, destacam-se os receios de natureza cultural e étnica, relacionados à ideia de que os imigrantes ameaçam valores, normas e identidades nacionais (Halikiopoulou & Vlandas, 2020; Inglehart & Norris, 2016). Ambos se alimentam de representações negativas, estereótipos e memórias fundamentadas em narrativas coloniais.

Em Portugal, embora o ativismo anti-imigração tenha se mantido, por muito tempo, em uma espécie de latência invisível (França, 2024), ausente do centro da esfera pública, o crescimento eleitoral do partido Chega – que se tornou a segunda maior força política do país em 2025 – sinaliza uma inflexão importante. O Chega tem se destacado por adotar a imigração como um dos pilares centrais de sua plataforma, e a rede social X (antigo Twitter) tem se constituído como um importante espaço de difusão de narrativas racistas por parte de seus ativistas e simpatizantes. Há também setores mais radicais do próprio partido, que se aproximam de discursos neonazistas e de superioridade branca (Zanetti, 2024).

Este capítulo parte de um enfoque sobre como as narrativas produzidas por ativistas anti-imigração operam segundo uma lógica de hierarquização étnica e racial, explorando motivações culturais, étnicas e raciais – mais do que econômicas – como fundamento das estratégias discursivas do ativismo anti-imigração em Portugal. A partir de uma abordagem etnográfica multissituada, que inclui observação digital realizada entre janeiro e março de 2023, entrevistas com ativistas da Juventude do Chega e participação em eventos partidários, examinamos como esses discursos circulam, são legitimados e ganham força em um contexto socio-político de crescente normalização da extrema-direita no país.

## Narrativas Anti-Imigração, Racismo e Plataformas Digitais em Portugal

O avanço do sentimento anti-imigração na Europa e, mais recentemente, em Portugal, baseia-se em narrativas e estruturas históricas e socioculturais mais amplas, produtoras de fronteiras simbólicas persistentes e de memórias nacionais que naturalizam hierarquias (Macedo et al., 2024). De acordo com Sobral (2024), tais narrativas devem ser entendidas como constitutivas da própria identidade nacional e “por serem inculcadas desde cedo, tornam-se resistentes à mudança” (p. 23). No caso português, a recomposição contemporânea dessas narrativas não rompeu com a centralidade do passado imperial; antes, adaptou símbolos e mitos do expansionismo a agendas atuais, inclusive nas políticas de memória e controvérsias públicas (Sobral, 2024). Essa perspectiva dialoga com a teoria decolonial (Grosfoguel, 2007; Mignolo, 2007; Quijano, 2007), entendendo a colonialidade como matriz que estrutura a produção contemporânea da alteridade.

Nessa linha, o racismo constitui uma ideologia estruturante das sociedades contemporâneas e não somente uma ação individual. Vala (2021) define o núcleo duro da ideologia racista a partir das seguintes representações sociais e crenças: (a) a diversidade humana deve ser descrita por categorias raciais ou étnicas tomadas como naturais; (b) há diferenças profundas e imutáveis entre grupos humanos, em perspectiva essencialista; e (c) existe uma hierarquia que legitima a dominação de uns grupos, superiores, sobre outros, inferiores. Trata-se, além disso, de uma “teoria prática” que “constrói muros, cria obstáculos à universalidade efetiva dos direitos e inspira a dominação a partir da violência” (Vala, 2021, p. 91).

Apesar de o racismo ser uma ideologia secular, ele também se transforma e se adapta aos contextos históricos e espaciais, de forma a se reconfigurar. Por isso, segue empiricamente mensurável. Dados do European Social Survey Round 7 (2014–2015; European Social Survey Round 7 Data, 2014), indicam que cerca de 30% dos europeus afirmam que “algumas raças nascem menos inteligentes ou mais trabalhadoras” (p. 212), com Portugal entre os países com maior adesão a crenças de superioridade/inferioridade natural e racismo biológico (Vala, 2021).

Os dados do European Social Survey Round 11 (2023–2024), que avaliou questões de imigração e etnicidade, registrou que 47,6% dos portugueses aceitam a entrada de “alguns” imigrantes de etnia diferente, 8,2% aprovam a entrada de “muitos”, 11,7% rejeitam a entrada de qualquer um e 31% aceitam apenas “poucos”.

Esses dados não medem explicitamente crenças de “superioridade natural” racial, mas documentam que narrativas de ameaça racializada e a estigmatização associada à imigração permanecem muito presentes nas percepções sociais portuguesas. Quem internaliza essas associações entre “outra raça” e criminalidade tende também a resistir a políticas de igualdade, críticas antirracistas e políticas migratórias inclusivas, manifestando uma forma contemporânea de racismo simbólico, alinhada a hierarquias de legitimação racial (Vala, 2021).

O racismo também opera na atualidade por meio da racialização de categorias como “imigrante”, “minorias étnicas” e “raça”, que passam a sobrepor-se no discurso público e midiático. Cabecinhas (2024) observa que “as expressões ‘imigrantes’, ‘minorias étnicas’ e ‘raças’ aparecem frequentemente associadas” e que, “quando a cor de pele não é explicitada, é operacionalizada através de imagens” (pp. 45–46), o que reforça processos de racialização. Assim, em Portugal, pessoas negras e ciganas são frequentemente percebidas como “imigrantes”, independentemente da sua cidadania, tornando-se alvos recorrentes de xenofobia. Em síntese, é importante reforçar que o racismo existe independentemente da nacionalidade e tem como origem a marcação simbólica e cultural de corpos e pertencas que destoam a norma branca, associada historicamente a uma identidade europeia (Cabecinhas, 2024).

Neste contexto, os ativismos anti-imigração contemporâneos ampliam esse enquadramento por meio de estratégias de desinformação e de manipulação de agendas midiáticas. O *World Migration Report 2024* (McAuliffe & Oucho, 2024) registra que campanhas de desinformação contra migrantes estão fortemente associadas a atores políticos e midiáticos que difundem ideologias nacionalistas e xenófobas e intensificam a ênfase em “más notícias”, com efeitos negativos multiescalares.

No caso português, nacionalismo, mito imperial e colonialidade permanecem entrelaçados na produção de fronteiras simbólicas e de legitimações de exclusão. Sobral (2024) demonstra que a transição democrática não implicou o abandono das narrativas centradas nas “Descobertas”, mas sim a sua adaptação a novas agendas culturais e políticas. Ao mesmo tempo, persiste a herança simbólica do Estado Novo, que negou a existência do racismo, característica estrutural de todos os colonialismos, segundo o autor, e difundiu uma autoimagem de excepcionalismo português, sustentada pela ideia de um povo “escolhido” e intrinsecamente católico.

Esses enquadramentos identitários não são neutros e conectam-se a preferências políticas e práticas sociais. Em termos comparativos, países como Portugal, Polónia e Hungria apresentam níveis superiores a 50% de concordância com a proposição de que “algumas raças são mais dotadas”, o que sinaliza a persistência de crenças hierárquicas e a aceitação de discriminação (Vala, 2021). Essa ideologia permanece viva e tem implicações concretas para a política migratória e o debate público.

A colonialidade europeia, por sua vez, enraíza assimetrias no presente por meio de representações midiáticas das migrações que “reatualizam frequentemente as assimetrias de poder forjadas durante o colonialismo europeu” (Macedo et al., 2024, p. 2), retificando hierarquias e desigualdades na mobilidade e circulação. Esse pano de fundo ajuda a compreender por que as categorias “imigrante”, “minorias” e “raça” se tornam sinônimos práticos na esfera pública, e por que a europeidade é frequentemente associada à branquitude.

O entrelaçamento entre racismo (como ideologia de essencialismo e hierarquia), racialização (como prática de marcação e exclusão) e nacionalismos anti-imigração (como gramática política) sustenta a atualidade do problema em Portugal. Ao reconhecer que o racismo existe independentemente da nacionalidade, sublinha-se que ele deriva de

crenças hierárquicas reatualizadas na memória nacional, nas ecologias midiáticas e nas disputas políticas contemporâneas, com efeitos diretos sobre direitos, pertencimento e igualdade substantiva.

Nesta lógica, existem ativistas ainda mais radicais que estabelecem associações de superioridade branca e europeia de modo mais flagrante, nomeadamente a partir de ideologias neonazistas e eugenistas. Frequentemente, esta expressão do nacionalismo é articulada de forma transnacional (Fangen, 2024) em ambientes digitais, como as plataformas Telegram e X, nossos objetos de análise. Tais grupos recorrem ao racismo biológico, à ideia de superioridade branca e europeia e a discursos de segregação racial de forma mais explícita.

Neste cenário, as plataformas digitais tornaram-se espaços centrais na criação, circulação e legitimação de narrativas anti-imigração racializadas, operando como arenas em que o racismo se reconfigura e adquire novas formas de expressão (Zanetti et al., 2025). Esses ambientes funcionam como infraestruturas sociotécnicas de poder simbólico, nas quais narrativas racistas são produzidas e difundidas a partir de dinâmicas de visibilidade, engajamento e viralização.

Essas narrativas encontram, nas próprias estruturas algorítmicas das plataformas, o terreno fértil para sua expansão. Como observa Silva (2020), os algoritmos, além de reproduzirem vieses raciais pré-existentes na sociedade, os automatizam e amplificam, constituindo, segundo o autor, “racismo algorítmico”. Essa forma de discriminação opera de maneira invisível, através de processos de recomendação, ranqueamento e filtragem, que naturalizam a centralidade da branquitude e marginalizam corpos não brancos. A colonialidade do poder (Quijano, 2007), que historicamente associou branquitude à racionalidade e à superioridade civilizacional, encontra, na lógica do engajamento digital, uma nova dimensão: a colonialidade digital, sustentada pela economia da atenção e pela monetização da diferença racial.

Ao privilegiarem conteúdos polarizadores e emocionalmente intensos, as plataformas instauram um ecossistema informativo de reforço, em que o valor da mensagem é definido pela sua capacidade de gerar exposição e não pela veracidade (Han, 2022; Morozov, 2014/2018). Essa lógica transforma o ódio e o medo em recursos de visibilidade e engajamento, criando comunidades digitais que operam como novas formas de racialização coletiva. Assim, o discurso anti-imigração não deve ser compreendido apenas como rejeição à presença do migrante, mas como expressão contemporânea do racismo estrutural, adaptado às mediações técnicas e comunicacionais da era algorítmica regida pelas *big techs*. Ao articular tecnologia, afetos e ideologia, as plataformas digitais tornam-se agentes centrais na reprodução das hierarquias raciais e na atualização simbólica da colonialidade em contexto europeu, como pretendemos demonstrar no estudo empírico.

## Metodologia

Esta pesquisa, fundamentada em uma metodologia qualitativa, foi desenvolvida a partir de uma abordagem etnográfica (Duarte, 2010; Hine, 2015), realizada entre

janeiro e março de 2023, em Lisboa, como parte de um projeto de pesquisa maior, correspondente à tese de doutorado de um dos pesquisadores (Zanetti, 2024), que buscou compreender as disputas entre ativismo migrante e anti-imigração na esfera pública midiaticizada em Portugal. Inicialmente, a pesquisa envolveu a observação do “V Congresso” do partido Chega em Santarém (janeiro de 2023) e ações políticas do partido em espaços públicos. Em seguida, foram identificados membros da Juventude do partido alinhados com a agenda anti-imigração e, posteriormente, localizados, na rede social X. Com base na observação sistemática desses perfis (Hine, 2015), foi realizado o monitoramento de uma rede composta por outros 25 ativistas anti-imigração, ligados ou não ao partido. A seleção dos perfis para a análise considerou dois critérios: maior número de seguidores e maior alcance na plataforma X, e aceitação para participar da pesquisa como entrevistados.

Foram coletadas 150 postagens dos cinco ativistas e, a partir da leitura do material empírico e em diálogo com o marco teórico, identificaram-se regularidades nas narrativas e justificativas dos ativistas, que, por sua vez, resultaram na criação de categorias, analisadas com base na metodologia de análise temática. Para este capítulo, é explorada especificamente a categoria relacionada à preservação da identidade nacional e à hierarquização étnica e racial.

A análise temática é uma técnica de pesquisa que visa identificar, analisar e descrever padrões de significados encontrados nos dados coletados (Braun & Clarke, 2006). Por meio de leitura cuidadosa e releitura das postagens coletadas e da transcrição das entrevistas realizadas, identificamos padrões nos dados que, com base nos objetivos da pesquisa, se tornaram as duas categorias de análise. Dessa forma, o desenvolvimento dos próprios temas envolveu um trabalho interpretativo que contemplou a teorização, e não apenas a descrição de cada categoria.

Dos cinco ativistas observados, dois têm ligação direta com a Juventude do Chega (Ativistas 1 e 2) e três são simpatizantes (Ativistas 3, 4 e 5), sem vínculo oficial com o partido. Três utilizam seus próprios nomes nos perfis (Ativistas 1, 2 e 3), enquanto dois deles gerenciam páginas mais amplas dedicadas à causa anti-imigração (Ativistas 4 e 5). Todos os perfis foram anonimizados, visando cumprir os parâmetros da ética em pesquisa e não contribuir para a amplificação desses discursos.

Como parte do procedimento etnográfico, também foram realizadas entrevistas com ativistas (Duarte, 2010). Os 25 ativistas monitorados receberam convites para entrevistas por email ou por meio de perfis em plataformas digitais. Três deles aceitaram participar (Ativistas 1, 2 e 3): dois deles, membros da Juventude do Chega. As entrevistas duraram de 90 a 120 minutos, foram realizadas online, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra.

As entrevistas foram realizadas de forma semiestruturada, considerando aspectos importantes identificados na literatura, como a trajetória de vida e os contextos social, econômico, religioso e familiar do ativista. Em um segundo momento, foram perguntados sobre as trajetórias políticas, o contato com as agendas de extrema-direita e anti-imigração e a motivação do ativismo. Por fim, as perguntas foram elaboradas

para compreender as razões e justificativas dos posicionamentos anti-imigração, complementando os resultados da coleta de dados nas plataformas digitais. Assim, a articulação metodológica foi realizada de forma complementar e multissituada, na perspectiva de que as entrevistas complementassem as informações coletadas na rede social X.

É importante destacar que a interação com militantes da extrema-direita sempre se apresenta como um desafio para os pesquisadores, devido à hostilidade desses grupos em relação a pesquisadores oriundos do universo acadêmico (Sacramento et al., 2024). O fato de se tratar de um pesquisador brasileiro também teve implicações no processo de coleta de dados, quando houve necessidade de interação com o partido Chega e com ativistas anti-imigração, repercutindo no processo etnográfico. A pesquisa seguiu as diretrizes éticas e deontológicas da *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0* da Association of Internet Researchers (Franzke et al., 2019). Além disso, os entrevistados autorizaram oralmente o uso dos dados a partir da leitura e registro em áudio do termo de consentimento livre e esclarecido pelo pesquisador. Ademais, observou-se a política da plataforma X quanto à anonimização de perfis, transparência metodológica e respeito à legislação local, sem qualquer comercialização de dados.

## Resultados e Discussão

Os resultados da análise temática revelam que as narrativas anti-imigração dos ativistas analisados giram em torno de alguns eixos centrais. Para esta pesquisa, vamos abordar especificamente a hierarquização étnica, em relação a imigrantes europeus que, associada à branquitude, os posiciona como preferidos frente aos imigrantes racializados (latinos, africanos, muçulmanos e asiáticos), o que reflete um racismo embasado em percepções de superioridade racial e fenotípica. Também é importante destacar que os não brancos frequentemente são vistos como migrantes, ainda que sejam cidadãos europeus. Essa dimensão é atravessada pela perspectiva de desumanização do outro, legitimando discursos de exclusão, deportação e violência simbólica. A imigração, seja ela regular ou irregular, é destacada como o principal alvo de oposição dos ativistas. Esses elementos podem ser encontrados em maior ou menor grau no discurso de todos os ativistas, tanto nas postagens nas plataformas digitais quanto nas entrevistas.

As narrativas dos ativistas analisados revelam a persistência de uma lógica racial de hierarquização profundamente enraizada na colonialidade do poder (Mignolo, 2007; Quijano, 2007). Nelas, a imigração é representada como uma ameaça à coesão nacional não apenas por razões culturais ou políticas, mas, sobretudo, por critérios raciais e fenotípicos, operando com base em um racismo estrutural e relacional que associa branquitude europeia à civilidade e ao pertencimento, enquanto racializa negativamente os corpos não europeus.

Entre os ativistas entrevistados, é recorrente a associação entre identidade nacional e uma ideia de superioridade civilizatória europeia, que se desdobra em discursos

marcadamente essencialistas. Ativistas como o Ativista 2 expressam essas ideias de forma explícita ao invocar atributos pretensamente biológicos e comportamentais para justificar a rejeição de determinados grupos:

se observares atentamente muitos dos problemas nessas culturas vêm de quem elas são como pessoas, isso vem de sua raça e de sua forma de pensar, que se desenvolveu ao longo dos anos. Acho que poderíamos permanecer separados (...). A única diferença entre eles e os outros é simplesmente a raça. É verdade que a população preta é uma das mais afetadas por drogas ou álcool. E esses mestiços, muitas vezes, estão ainda em piores condições do que os demais. (Ativista 2, ativista anti-imigração ligado ao Chega, comunicação pessoal, 12 de fevereiro de 2023)

Este enunciado é um exemplo do que Santos (2021) denomina de “neorracismo”, em que a retórica da incompatibilidade cultural mascara a reafirmação de hierarquias raciais herdadas do colonialismo. A raça opera como um marcador central de exclusão, embora frequentemente disfarçada por argumentos sobre comportamento, civilidade ou ordem pública (Vala, 2021). O ativismo anti-imigração nesse contexto não se limita à defesa de fronteiras, também reproduz formas contemporâneas de racismo científico e determinismo biológico (Weitz, 2015), atualizadas pelas lógicas algorítmicas das plataformas digitais (Zanetti, 2024).

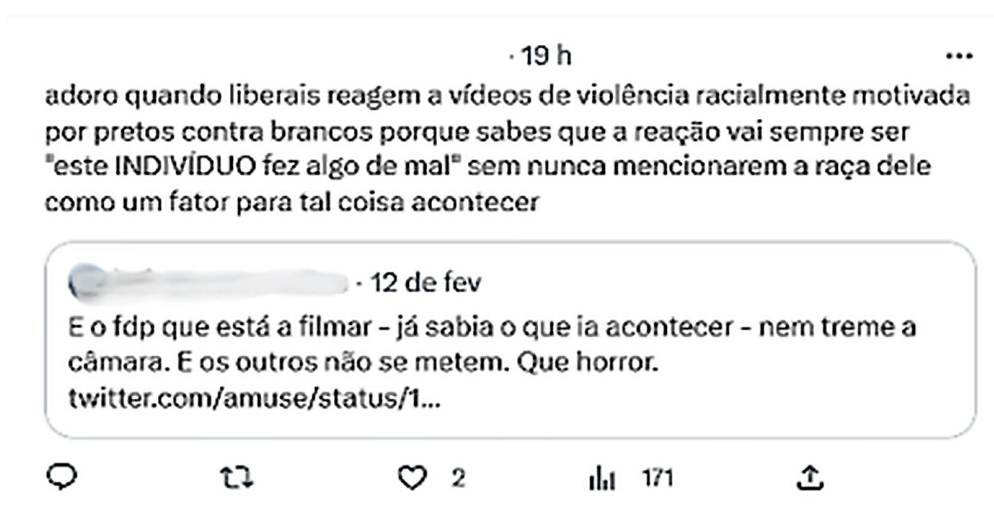
A lógica diferencialista é aprofundada quando o mesmo ativista defende que a legalidade migratória é irrelevante diante da suposta “essência” do imigrante racializado:

essas pessoas, quando entram em Portugal, qual é a diferença entre terem os papeis certos ou não? (...) A mesma pessoa tem os mesmos problemas, está a trazer os mesmos problemas consigo e a mesma pessoa simplesmente tem ou não um pedaço de papel ou um cartão de plástico. (Ativista 2, comunicação pessoal, 12 de fevereiro de 2023)

Essa narrativa é marcada pela desumanização, que nega à figura do imigrante qualquer agência individual, reduzindo-o a um corpo racializado que “carrega problemas”. Trata-se de uma atualização do discurso colonial, que associa os povos não europeus ao atraso, ao caos e à ameaça civilizatória (Cabecinhas, 2024; Quijano, 2007).

A adesão a uma lógica assimilacionista, segundo a qual só seriam aceites aqueles capazes de se submeterem completamente à cultura hegemônica, também está presente. Ativista 2 declara que imigrantes devem demonstrar “lealdade” à cultura portuguesa, ainda que isso implique a negação de sua própria identidade, religião e costumes. Nesse ponto, a branquitude é instituída como critério não apenas estético, mas também moral e epistêmico, estruturando as hierarquias de pertencimento. A Figura 1 exemplifica isso, ao trazer uma postagem de Ativista 2 com conteúdo abertamente racista.

A construção do “imigrante desejável” é ainda mais evidente nas falas do Ativista 3, que recorre à noção de “cadeia evolutiva” para posicionar os europeus como superiores,

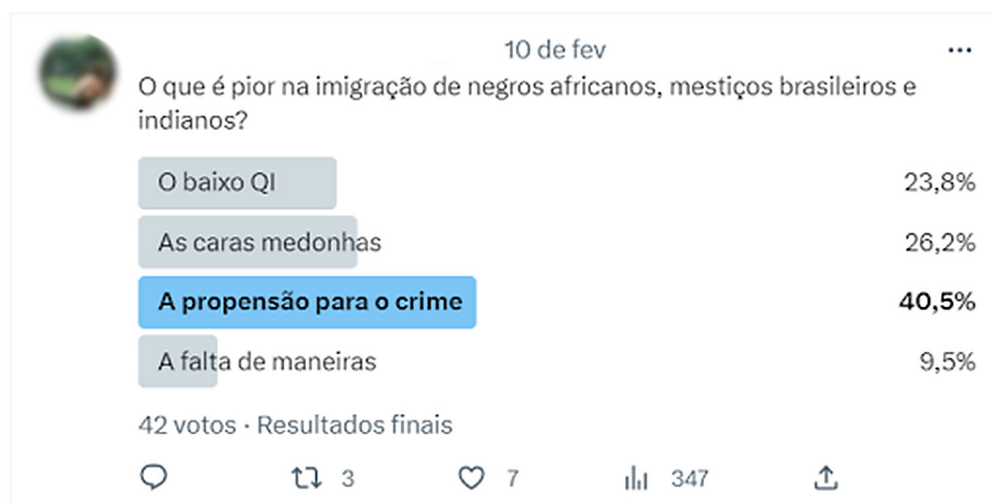


**Figura 1**  
Postagens no X de Ativista 2 com teor racista

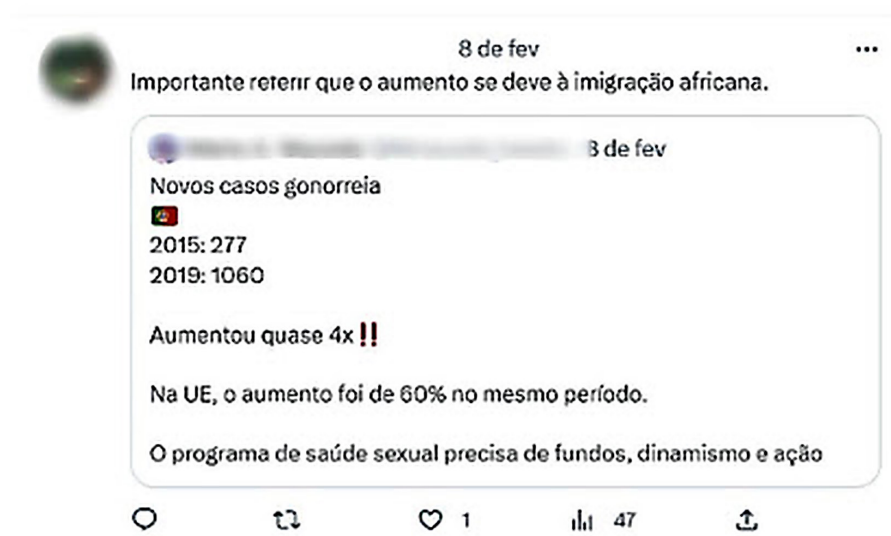
evocando elementos do racismo científico: “imigração vinda da Ucrânia (...) trata-se de pessoas da nossa raça. Imigrantes com elevado QI [quociente de inteligência], que não cometem crimes e são ordeiros. (...) Imigrantes brasileiros, nomeadamente, não me oporia à sua vinda, apenas caso tivessem exclusiva ascendência europeia” (Ativista 3, ativista anti-imigração independente, comunicação pessoal, 18 de fevereiro de 2023).

A estética corporal também é mobilizada como marcador de pertencimento: os não brancos são “desagradáveis à vista”, segundo o Ativista 3, o que reforça a dimensão somática da exclusão (Figueiredo et al., 2021). Essa racialização da presença no espaço público é reiterada em postagens como a representada na Figura 2.

O ativista também associa a imigração africana ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis, retomando estereótipos coloniais sobre hipersexualização e degenerescência dos corpos negros. A Figura 3 ilustra essa narrativa racista com base biológica e moral.



**Figura 2**  
Postagem no X de Ativista 3 com teor racista



**Figura 3**

Postagem no X de Ativista 3 com teor racista

Tais enunciados exemplificam o que Han (2022) chama de “expulsão da alteridade”, em que a convivência com o diferente se torna inviável, sendo substituída por uma lógica de pureza identitária e de homogeneização cultural. As plataformas digitais operam como ecossistemas de reforço dessas bolhas, facilitando a autodoutrinação e inviabilizando o debate público e a responsividade democrática (Zanetti, 2024).

No caso da página gerida pelo Ativista 5, identificado por outros entrevistados como neonazista e já condenado por crimes de ódio, observamos uma radicalização ainda maior. A página funciona como núcleo de difusão de discursos de superioridade branca, mas também adota estratégias de dissimulação e de ambiguidade discursiva. A Figura 4 mostra uma das postagens mais explícitas.



**Figura 4**

Postagem no X de Ativista 5 com teor racista

Um dos elementos centrais dessa página é a apropriação estratégica do termo “antirracista” para promover ideias de racismo reverso e de vitimização branca, aspectos centrais da lógica do neorracismo (Santos, 2021). Ao alegar que os brancos estão sendo perseguidos, o ativista anti-imigração inverte os termos do debate, apagando as estruturas históricas de opressão e os legados do colonialismo português (Figueiredo et al., 2021). Tal ambiguidade discursiva visa garantir maior aceitabilidade pública, ao mesmo tempo em que mobiliza redes neonazistas internacionais em plataformas como o Telegram e o X.

## Considerações Finais

As narrativas analisadas neste capítulo evidenciam como o ativismo anti-imigração português, especialmente articulado nas plataformas digitais, está enraizado em estruturas coloniais de poder e em lógicas raciais de exclusão. Não entendemos este fenômeno como algo pontual nem como uma simples consequência da intensificação dos fluxos migratórios. Compreendemos que tais discursos reatualizam hierarquias étnico-raciais herdadas do colonialismo, associando a branquitude europeia à civilidade e à pertença nacional, enquanto relegam os corpos não brancos ao campo da ameaça, do desvio e da incompatibilidade cultural.

Essa gramática racial, marcada por essencialismos e pelo neorracismo (Santos, 2021), se faz presente no atual cenário sociopolítico português e já alcança o centro da esfera pública. As eleições legislativas de maio de 2025 consolidaram o Chega como a segunda maior força política do país, com a eleição de deputados, inclusive por emigrantes portugueses, sinalizando a institucionalização de discursos que antes circulavam apenas nas margens digitais e em ambientes radicais (SIC Notícias, 2025).

Essa virada política, que aconteceu paulatinamente desde a criação do partido em 2019, já se materializa em mudanças legislativas e propostas conservadoras, que reforçam o vínculo entre imigração, criminalidade e desordem. Em junho de 2025, o Governo anunciou medidas, como o aumento do tempo de residência para a obtenção da nacionalidade – especialmente para imigrantes não lusófonos – e restrições ao reagrupamento familiar, em um movimento de racialização da cidadania (Lima, 2025). O projeto do Chega, que propõe a proibição do uso da burca em espaços públicos, é outro exemplo de como o racismo e a islamofobia se entrelaçam na tentativa de invisibilizar e controlar corpos racializados (“Chega Quer Proibir o Uso da Burca em Espaços Públicos e Propõe Multa de 4.000 Euros”, 2025).

Essas transformações políticas encontram respaldo em dados recentes. Um relatório da Casa do Brasil de Lisboa (Costa, 2025) aponta para o aumento de casos de xenofobia e racismo no país, sobretudo contra pessoas negras e imigrantes do Sul Global, revelando a crescente legitimação social de práticas discriminatórias antes mais veladas. Dessa forma, os dados aqui apresentados, qualitativamente, devem ser entendidos como a expressão radicalizada de um projeto mais amplo de recondução da colonialidade, operado por meio da racialização da diferença e da construção do imigrante como inimigo interno. A colonialidade do poder permanece como estrutura

ativa, reorganizando simbólica e materialmente os termos do pertencimento em Portugal. O contexto sociopolítico atual, marcado pela ascensão da extrema-direita, pela retração de direitos e pelo reforço das fronteiras identitárias, confirma a centralidade das narrativas raciais e anti-imigração na configuração das disputas por identidade, cidadania e poder no país.

## Referências

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cabecinhas, R. (2024). Migrações, media, ativismos mnemônicos e lutas antirracismo. In I. Macedo, T. Oliveira, & M. de L. Martins (Eds.), *Existir e resistir na sociedade contemporânea: Contributos para o debate sobre comunicação e cultura* (pp. 31-50). Húmus.
- Chega quer proibir o uso da burca em espaços públicos e propõe multa de 4.000 euros.* (2025, 26 de junho). CNN Portugal. <https://cnnportugal.iol.pt/burca/chega/4-000-de-multa-chega-quer-proibir-o-uso-da-burca-em-espacos-publicos-mas-com-excecoes-avioes-pona%20r-exemplo/20250626/685d9229d34ef72ee447a67f>
- Costa, A. P. (2025). *Monitoramento do discurso de ódio, racismo e xenofobia em Portugal*. Casa do Brasil de Lisboa. [https://casadobrasildelisboa.pt/wp-content/uploads/2025/03/MONITORAMENTO\\_Racismo-Xenofobia.pdf](https://casadobrasildelisboa.pt/wp-content/uploads/2025/03/MONITORAMENTO_Racismo-Xenofobia.pdf)
- Dennison, J., & Geddes, A. (2019). A rising tide? *The Political Quarterly*, 90(1), 107-116. <https://doi.org/10.1111/1467-923X.12620>
- Duarte, J. (2010). Entrevista em profundidade. In J. Duarte, A. Barros, & A. L. R. Novelli (Eds.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (2.ª ed., pp. 62-83). Atlas.
- European Social Survey Round 7 Data. (2014). Data file edition 2.1. NSD – Norwegian Centre for Research Data, Norway – Data archive and distributor of ESS data for ESS ERIC. <https://microdata.worldbank.org/index.php/catalog/2930>
- European Social Survey Round 11 Data (2024). *ESS11 integrated file, edition 3.0* [Data set]. Sikt – Norwegian Agency for Shared Services in Education and Research. [https://doi.org/10.21338/ess11e03\\_0](https://doi.org/10.21338/ess11e03_0)
- Fangen, K. (2024). The transnationalist nationalists: The joint curriculum of anti-immigration actors in Norway. *Journal of Political Ideologies*, 1-21. <https://doi.org/10.1080/13569317.2024.2358349>
- Figueiredo, O., Arruda, J., & Araújo, M. (2021). Colonialismo português, lusotropicalismo, racismo e lutas antirracistas – Entrevista com Marta Araújo. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 30(62), 168-186. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2021.v30.n62.p168-186>
- França, T. (2024). Transnational diffusion and far-right latent social movements: Unveiling the survival of anti-immigration mobilisation in Portugal. *Journal of Contemporary European Studies*, 33(2), 687-700. <https://doi.org/10.1080/14782804.2024.2389452>
- Franzke, A. S., Bechmann, A., Ess, C., & Zimmer, M. (2019). *Internet research: Ethical guidelines 3.0*. Association of Internet Researchers. <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>
- Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn: Beyond political-economy paradigms. *Cultural Studies*, 21(2-3), 211-223. <https://doi.org/10.1080/09502380601162514>
- Halikiopoulou, D., & Vlandas, T. (2020). When economic and cultural interests align: The anti-immigration voter coalitions driving far-right party success in Europe. *European Political Science Review*, 12(4), 427-448. <https://doi.org/10.1017/S175577392000020X>
- Han, B.-C. (2022). *Infocracy: Digitization and the crisis of democracy*. Polity.

- Hine, C. (2015). *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. Bloomsbury.
- Inglehart, R., & Norris, P. (2016). *Trump, Brexit, and the rise of populism: Economic have-nots and cultural backlash*. Harvard Kennedy School. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2818659>
- Lima, A. (2025, 6 de junho). Imigrante terá de morar 10 anos no país para o pedido de nacionalidade – E 7 para falantes de língua portuguesa. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/sociedade/imigrante-ter%C3%A1-de-morar-10-anos-no-pa%C3%ADs-para-o-pedido-de-nacionalidade-e-7-para-falantes-de-l%C3%ADngua-portuguesa>
- Macedo, I., Cabecinhas, R., & de Andrés, S. (Eds.). (2024). Migrações, comunicação e ativismos: Experiências e debates. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 11(2).
- McAuliffe, M., & Oucho, L. A. (Eds.). (2024). *World migration report 2024*. International Organization for Migration. <https://worldmigrationreport.iom.int/msite/wmr-2024-interactive/>
- Mignolo, W. D. (2007). Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. *Cultural Studies*, 21(2–3), 449–514. <https://doi.org/10.1080/09502380601162647>
- Morozov, E. (2018). *Big tech: A ascensão dos dados e a morte da política* (C. Marcondes, Trad.). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 2014)
- Quijano, A. (2007). Coloniality and modernity/rationality. *Cultural Studies*, 21(2–3), 168–178. <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>
- Sacramento, I., Falcão, H., & Monari, A. C. (2024). Entrando no campo da desinformação: emoções conflitantes e os limites da relativização. *Saúde e Sociedade*, 32, e230456pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023230456pt>
- Santos, F. R. C. dos. (2021). A retórica do neorracismo no debate francês sobre imigração: Análise de artigos de opinião do Le Figaro. *Revista da ABRALIN*, 20(3), 113–135. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1909>
- SIC Notícias. (2025, 28 de maio). *Chega elege dois deputados na emigração e é a segunda força política em Portugal* [Vídeo]. <https://sicnoticias.pt/especiais/eleicoes-legislativas/2025-05-28-video-chega-elege-dois-deputados-na-emigracao-e-e-a-segunda-forca-politica-em-portugal-0276eea1>
- Silva, T. (2020). Racismo algorítmico em plataformas digitais: Microagressões e discriminação em código. In T. Silva (Ed.), *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricas* (pp. 121–135). LiteraRUA.
- Sobral, J. M. (2024). The nation. In N. Monteiro, P. Silva, & P. C. Magalhães (Eds.), *Portugal in the 21st century* (pp. 14–22). Taylor & Francis.
- Vala, J. (2021). *Racismo hoje. Portugal em contexto europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Weitz, E. D. (2015). *A century of genocide: Utopias of race and nation*. Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9781400866229>
- Zanetti, L. A. (2024). *Esfera pública midiaticizada, ativismo migrante e anti-imigração: Representações sociais e disputas identitárias em Portugal* [Tese de doutoramento, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho]. Repositório UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/2549>
- Zanetti, L. A., Cogo, D., & Luvizotto, C. K. M. (2025). Ativismo anti-imigração em Portugal e dinâmicas comunicacionais em plataformas digitais. *Cuadernos.Info*, (61), 304–328. <https://doi.org/10.7764/cdi.61.86968>